

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

238

INSCRIÇÕES 822-824



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE *DOLIVM* COM GRAFITO DA *VILLA* DO MONTE DA CEGONHA, SELMES, VIDIGUEIRA*(Conventus Pacensis)*

No âmbito de trabalhos arqueológicos de acompanhamento do arranque de olival e transformação do Monte da Cegonha (freguesia de Selmes, concelho de Vidigueira, distrito de Beja), a decorrerem desde Março de 2022¹, foi georeferenciado e recolhido um fragmento de *dolium* com grafito.

Deveu-se a necessidade de acompanhamento dos trabalhos – arranque de olival, preparação do terreno, abertura de valas para condutas de rega, elaboração de caminhos, drenos e camalhões, com vista à replantação de olival – à elevada sensibilidade patrimonial da área e nível de afectação do que se pretendia levar a cabo, dada a proximidade com a *villa* romana do Monte da Cegonha.

A *villa* (CNS 3487), identificada nos primórdios da década de 80, por ocasião do projecto da *villa* romana de S. Cucufate, sita no mesmo concelho, foi alvo de sete campanhas anuais de escavação, de 1985 a 1991, sob orientação de Maria Conceição Lopes e Rafael Alfenim. Logo no final da 4ª campanha, foi possível afirmar-se, conforme consta do relatório do Instituto de Arqueologia de Coimbra:

«Confirmou-se que a ocupação local abrange um longo espaço cronológico-cultural, desde o século I ao século XII. As

¹ Os trabalhos de acompanhamento e prospecção foram dirigidos por André Donas Botto e contaram com a participação dos arqueólogos Marco Valente, Fábio Vivas e Andreia Rosa.

estruturas arquitectónicas, os materiais (cerâmicas, vidros, metais...) provam que Romanos, Visigodos e Muçulmanos escolheram o Monte da Cegonha para se fixar. Este facto, de grande importância histórica, faz do sítio uma das mais notáveis estações arqueológicas do Sul da Lusitânia»².

Observou-se, pois, como é natural, nas prospecções efectuadas, a presença de material de construção (*tegulae*, *imbrices*, *lateres*) e de cerâmica comum. Nesse conjunto se destacou o fragmento objecto do presente estudo.

Trata-se de um fragmento do bojo de um *dolium*. A pasta apresenta tons que variam entre o cinza-acastanhado na superfície externa e o cinzento na superfície interna. Cozedura de tons enegrecidos. O grafito foi executado após a cozedura: veja-se que a perna do P claramente corta uma das linhas horizontais que parecem ter decorado o *dolium*, enquanto também se observam, do lado esquerdo, duas linhas paralelas verticais que, noutro contexto, até poderiam ser consideradas para limitar um eventual campo epigráfico. Nota-se uma tendência ascendente do *ductus* do 'escriba', devida à posição que teve de adoptar para gravar.

Dimensões máximas: (16) x (7) x 3,1 cm.

APVL[I?]

De Apulo.

Altura dos caracteres: A = 2,5 cm; P = 2,5 cm; V = 2 cm.

² É o sítio 457 (p. 90) do *Catálogo de Sítios* elaborado por Maria Conceição LOPES, em anexo à obra *A Cidade Romana de Beja – Percursos e Debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*, Coimbra, 2003. Podem ainda consultar-se sobre esta *villa*: LOPES (Maria da Conceição) e ALFENIM (Rafael), «A *villa* romana do Monte da Cegonha», *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Encuentro Internacional de Arqueología del Sudoeste, Huelva, Universidad de Huelva, 1994, p. 485-502; *Idem*, «La villa romaine de Monte da Cegonha», *Les Dossiers de l'Archéologie*, 1994, p. 64-67; *Idem*, «A basílica paleocristã/visigótica do Monte da Cegonha (Vidigueira)», *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, 1995, p. 389-399.

A leitura não oferece dúvidas: as letras **A** e **V** apresentam um traço mais ténue, gravadas com estilete, enquanto a letra “**P**” parece ter sido mais marcadamente gravada. O **A** é muito aberto e tem o travessão, levemente ondulado, muito acima do habitual nível médio da altura; a ‘barriga’ do **P** é esguia e fechada; o **V** também muito aberto. Seríamos tentados a ver vestígios de letras junto à fractura do lado esquerdo, como que a denotar a existência duma 2ª linha; mas cremos serem despiciendos.

A hipótese de reconstituição que apresentamos afigura-se-nos verosímil, mormente devido à presença de um rasgo a seguir ao **V**, que pode ser o termo superior do **L**.

Apulus é antropónimo não registado, até ao momento, na Lusitânia nem na Hispânia³. Kajanto inclui-o entre os cognomes latinos de origem étnica⁴. Registe-se que, em Saintes, na Aquitânia, há o grafito APVLI em duas ânforas⁵, considerado pelos editores como ‘marca de propriedade’, hipótese que também para aqui advogamos: após a cozedura, gravou-se o nome de quem era o destinatário.

Não há elementos susceptíveis de abalizar a possibilidade de uma datação.

ANDRÉ DONAS BOTTO ⁶

JOSÉ D’ENCARNAÇÃO ⁷

MARCO VALENTE ⁸

³ A forma *Apulia* supostamente documentada em Nisa (IRCP 644) foi corrigida, quando houve possibilidade de observar a epígrafe (cf. HEp 2, 1990, 834).

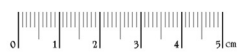
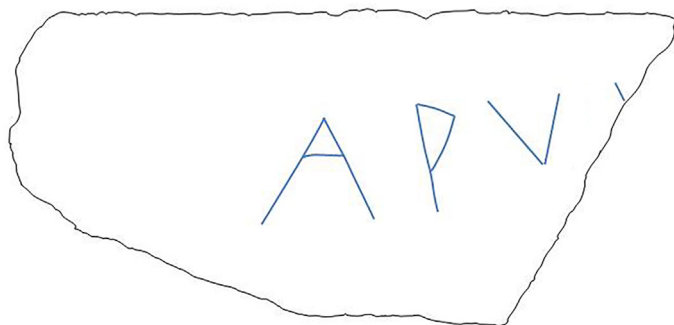
⁴ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, p. 192.

⁵ EDCS – 10401369 e 10401370. [EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>].

⁶ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

⁷ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

⁸ Membro colaborador do Centro das Arqueologias do Instituto Politécnico de Tomar (CAQ-IPT).



822

ÁRULA VOTIVA DO CASTRO DE GOUJOIM
(ARMAMAR)

Árula votiva romana, de granito, proveniente do Castro de Goujoim, União de Freguesias de Arícera e Goujoim, concelho de Armamar, distrito de Viseu. Está na posse do pároco local, o Reverendo Padre Artur Mergulhão, a quem agradecemos a gentileza de nos haver facilitado o estudo.

Apresenta algumas fraturas, faltando-lhe a parte inferior.

Dimensões (em centímetros): altura do monumento – 34,5; espessura – 14,5-16; largura do capitel: 21.

Fóculo bem delineado, onde, certamente por utilização posterior, se cravou pequeno elemento metálico (?); súpero, de formato losangular, com os quatro vértices ‘ligados’ aos toros laterais cilíndricos e lisos e aos fastígios vagamente triangulares das faces anterior e posterior (FIG. 1). Um pormenor decorativo de algum requinte que faz suspeitar ter sido, na origem, um bonito exemplar de que seguramente a divindade de boamente se agraciou.

A árula está, aliás, moldurada e alisada nas quatro faces, a indiciar que deveria ser vista de todos os lados (FIG. 2). Ranhura côncava efectuada com grossa separa o capitel da moldura, que é de faixa saliente seguida de toro entre duas ranhuras côncavas. Intacta a face lateral esquerda, mantendo

as arestas, ainda que esborcinadas devido aos maus tratos que foi sofrendo; mais maltratada a da direita.

Restam duas linhas, gravadas na face anterior; também elas sofreram bastante desgaste (FIG. 3). Poderia ter havido, eventualmente, mais linhas, que a fractura fez desaparecer.

De facto, o que se lê pode provocar, à primeira vista, alguma perplexidade, pelo seu carácter singular, não obstante o facto de, como árula, se destinar a ser depositada, juntamente com outras, no local de culto ou – mais provavelmente – no *lararium* familiar.

Na l. 1, o traço oblíquo para a direita afigura-se-nos ser o que resta da letra V. Segue-se A, possivelmente com barra horizontal; CO lê-se sem dificuldade.

Na l. 2, alicia-nos interpretar a fórmula dedicatória, na medida em que o V é claro, o S se reconstitui sem grande hesitação, assim como a haste vertical subsistente se nos afigura ser de um L. Faltaria A(*nimo*), a colocar no início da linha; está, porém, aí tudo tão delído que não se ousa propor reconstituição. Ou seja, a sugestão mostra-se-nos evidente: V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*).

E de quem partiu a iniciativa do ex-voto? Apetece comparar com as velas que, na actualidade, se alumiam diante dos ícones sagrados ou das imagens dos santos: são anónimas; o santo sabe quem foi!

Aqui, porém, não só não se sabe quem foi, como também nos poderia suscitar dúvidas o nome da divindade: apenas VACO, em dativo, a apontar para um estranho nominativo *Vacus*?

Ora, justamente na área de Viseu temos o testemunho da divindade indígena COSEI VACOAICO, designação aproximável de VACO CABVRIO e VAGO DONNAEGO. Será, pois, uma divindade indígena, aqui sem epíteto. Blanca María Prósper, que refere os teónimos citados,¹ relaciona-os com a cidade romana de *Vacca* e o nome do rio Vouga, «documentado en la Antigüedad como *Vacua*».

¹ PRÓSPER (Blanca María), *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Ediciones Universidad [Acta Salmanticensia. Estudios Filológicos 295], Salamanca, 2002, p. 230-232.

Trata-se, por conseguinte, da designação romana da divindade que superintendia às propriedades fertilizadoras do rio Vouga, que nasce aqui perto, na Lapa, concelho de Sernancelhe – é o que se propõe.

Lê-se:

VACO / [...?] V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*)

A Vaco – cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: l. 1: 4/4,5; l. 2: 4.

A regularidade paleográfica (O bem redondo, A simétrico, C em meia circunferência) aponta para estarmos perante um monumento do século I da nossa era.

José d'ENCARNAÇÃO²

JOSÉ CARLOS SANTOS

² Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



1



2

823



823

UNA NUEVA SONDA MÉDICA CON INSCRIPCIÓN

Hace ya algunos años tuve ocasión de publicar un *specillum auriculare* perteneciente a una colección privada con la inscripción: PAX // EST // CARITA<S> // FIDES¹, en la parte central de la sonda, que daté, en aquel momento, por su paleografía y contenido, de los siglos V-VI d.C.

Recientemente se ha publicado, por parte de los Amigos del Museo de Mérida, un interesante volumen sobre los instrumentos médicos conservados en dicho museo, que tiene como indudable acierto haber puesto en relación el instrumental antiguo con el moderno para mayor precisión en la atribución de sus posibles usos en la antigüedad romana², un

¹ M. MAYER, “Un *specillum* amb inscripcions”, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* III, Barcelona 1999, pp. 129-132.

² F. R. BLANCO CORONADO, *Instrumental médico-quirúrgico del Museo Nacional de Arte Romano Mérida. Una contribución a la historia de la medicina romana* (Cuadernos Emeritenses, 49), Mérida 2021, pp. 73-76, para el tipo de sonda que estudiamos. No nos extenderemos sobre la amplísima bibliografía sobre el tema y los numerosos repertorios existentes entre los cuales cabe destacar por ejemplo: E. KÜNZL, *Medizinische Instrumente der römischen Kaiserzeit im Römisch-Germanischen Zentralmuseum Mainz*

trabajo que viene a sumarse al ya clásico de E. L. Borobia³.

A partir de estas premisas, nos hemos propuesto publicar ahora una singular sonda con inscripción, también conservada en manos particulares, de la que tuvimos conocimiento hace también numerosos años.

La procedencia de la pieza nos parece ser, a todas luces, hispánica y, quizás, bética, por su pátina verde oscura, si hemos de creer a las atribuciones que hacen para este tipo de pátinas algunos numismáticos, aunque no podamos evidentemente precisar el origen de momento con estos parámetros.

La pieza parece ser un *specillum* con extremidad en forma de oliva, que ha sido unido a una sonda espatulada (*spathomele*) (FIG. 1). Se trata evidentemente de una reparación, utilizando, quizás, dos sondas deterioradas, ya que la sonda de oliva se inserta en la sonda de cucharilla mediante una incisión longitudinal en la que se inserta la sonda de cucharilla aprovechando la zona aplanada y no cilíndrica en la que se encuentra la inscripción que pretendemos estudiar. Ambas piezas parecen haber sido a continuación adheridas entre sí mediante una forma de elemento adherente, que no parece metálico, sino que asemeja a una forma de resina de gran resistencia, que impedía y continúa impidiendo que ambas partes se separen o se muevan separadamente (FIG. 2).

La sonda, de bronce muy dorado, como se observa en los puntos en los que ha desaparecido la pátina, en su forma actual conserva perfectamente la oliva en uno de sus extremos y, en el otro, la cucharilla plan posiblemente de forma oval se ha perdido en gran parte.

Las dimensiones totales conservadas son: 13,5 cm de longitud, con un diámetro de 3 mm. La anchura máxima de

(Kataloge vor- und frühgeschichtlicher Altertümer 28), Mainz 2002; L. J. Bliquez, *Roman surgical instruments and minor objects in the University of Mississippi* (Studies in Mediterranean archaeology and literature. Pocket book, 58), Göteborg 1988; L. J. Bliquez, R. Jackson, *Roman Surgical Instruments and Other Minor Objects in the National Archaeological Museum of Naples*, Mainz 1994.

³ E. L. BOROBIA MELENDO, *Instrumental médico-quirúrgico en la Hispania romana*, Madrid 1988, esp. p. 297 para las sondas de oído.

lo que queda de cucharilla o espátula es de 9 mm y su grosor de 1 mm.

El texto se halla conservado en la parte aplanada de lo que parece haber sido la parte media de la sonda espatulada, que presenta un campo epigráfico de forma aproximadamente elíptica. El epígrafe ha sido quizás impreso en la sonda todavía caliente, mediante un *signaculum* o, quizás, estaba ya presente en el momento de la fusión en el molde, aunque la forma irregular nos hace pensar, más probablemente, en una marca obtenida batiendo el bronce caliente con algún tipo de marcador.

El texto visible contenido reza como sigue (FIG. 3): [...?]PARDA o [...?]PARDAE con un nexo final no muy claro, dado que sólo parece verse la barra inferior de la posible E nexada.

La interpretación no puede ser más sencilla: nos encontramos ante una inscripción que menciona un nombre femenino, que podría ser PARDA o bien [LEO]PARDA, mucho más frecuente, si queremos suponer que faltarían tres letras iniciales situadas dentro de la ranura de la mitad del *specillum* de oliva que une ambas partes. Evidentemente, podrían entrar tres letras del *cognomen* de la persona, pero también la abreviación trilitera de un *nomen*, por dar sólo un ejemplo el frecuente VAL(*eria*), que acompañaría así al *cognomen Parda*.

La importancia de esta inscripción, sin embargo, radica en un hecho: nos daría el nombre de una mujer vinculada o bien a la producción o bien a la medicina, según queramos interpretar la marca del *specillum* que nos ocupa.

En el primer caso, si consideramos que la forma *Pardae* es posible y que se trataría de un genitivo, podríamos incluso suponer una forma OFF inicial para *officina*, en el caso de que quisiéramos pensar en una mujer propietaria de una fundición de bronce.

Si preferimos atribuirlo a una mujer vinculada a la medicina⁴, es decir una *medica*, la marca, sea en nominativo o en

⁴ La mujer que ejerce como médico no es un caso desconocido y pueden verse al respecto, por ejemplo, los trabajos sobre el occidente romano de J. del Hoyo Calleja, “La mujer y la medicina en el mundo romano”, *Asclepio*

genitivo, respondería a una voluntad de personalización del instrumental por parte de su usuaria⁵.

En ambos casos, la pieza que estudiamos resulta de una indudable trascendencia, dado que documenta un trabajo femenino, sea por la producción o por el uso en un campo en el que no andamos sobrados de ejemplos de este tipo, para los que esta sonda, aparentemente sin importancia desde el punto de vista instrumental, proporciona, sin embargo, una jugosa información en el sentido que quiera atribuírsele.

MARC MAYER I OLIVE⁶

XXXIX, 1987, pp. 125-142; de A. BUONOPANE, “*Medicae nell’occidente romano: un indagine preliminare*”, en A. Buonopane, F. Cenerini (eds.), *Donna e lavoro nella documentazione epigrafica. Atti del I Seminario sulla condizione femminile nella documentazione epigrafica. Bologna, 21 novembre 2002* (Epigrafia e antichità, 19), Faenza 2003, pp. 113-130, y, sobre Italia en particular, M. A. ALONSO ALONSO, *Los médicos en las inscripciones latinas de Italia (siglos II a. C. – III d. C.). Aspectos sociales y profesionales*, SANTANDER 2018, pp. 114-133; para la presencia femenina en la profesión; ambos trabajos con abundante bibliografía sobre el tema. Para *Hispania*, Ead., “*Los medici en la epigrafía de la Hispania romana*”, *Veleia* 28, 2011, pp. 83-107.

⁵ No se trataría de un caso aislado; cf., por ejemplo, R. BERG, “*Donne medico a Pompei?*”, en A. Buonopane, F. Cenerini (eds.), *Donna e lavoro nella documentazione epigrafica...*, pp. 131-154, donde publica un instrumento médico o quirúrgico que lleva el nombre de una mujer, *Sperata*, grabado en punteado, pp. 135-142. Además, M. A. ALONSO ALONSO, “*Medicae y obstetrices en la epigrafía latina del imperio romano. Apuntes en torno a un análisis comparativo*”, *Classica et Cristiana* 6/2, 2011, pp. 267-296.

⁶ Institut d’Estudis Catalans / Universitat de Barcelona.



1



2



3

824